

ESTUDO DA MUSEALIZAÇÃO DAS COLEÇÕES DO MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO

JOANA SOSTER LIZOTT¹; DANIEL MAURÍCIO VIANA DE SOUZA²; DIEGO
LEMOS RIBEIRO³

¹*Universidade Federal de Pelotas – joanalizott@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – danielmvsouza@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de pesquisa de mestrado em desenvolvimento junto do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPMG/UFPel), que trata dos processos de musealização das coleções do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG). Busca identificar e discutir as formas de valoração e seleção desse patrimônio em questão, influenciado pelas disputas nos campos da memória, da arte e da ciência.

Essa discussão é pensada sob uma abordagem multidisciplinar, incluindo a problematização de conceitos ligados às áreas de museologia, história, ciências sociais, antropologia e das artes. Propõe tratar principalmente do conceito de musealização (CHAGAS, 2009; BRUNO, 1996; CURY, 2005; DESVALLÉS e MAIRESSE, 2014), ou seja, o conjunto de procedimentos que transforma objetos comuns em documentos, em objetos de museu, levando em conta o fato de o MALG ser um museu universitário e de arte, estando portanto sobre a influência dos campos científico e artístico (BORDIEU, 1983).

Compõem ainda a pesquisa conceitos relacionados à memória social, (HALBWACHS, 2003; CANDAU, 2012), especialmente no que se relaciona a relação com o “desejo de museu” (ALMEIDA, 2012) e a imortalização através das coleções (ABREU, 1996). Aborda assim, as coleções e colecionismo e o caráter semióforo (POMIAN, 1984) dos objetos de museu.

O MALG é um museu vinculado ao Centro de Artes (CA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), tendo sido oficialmente aberto ao público em 1986. Possui um acervo de cerca de quatro mil itens, entre obras de arte, objetos utilitários, documentos escritos e iconográficos, de contexto local, nacional e internacional, abarcando um período entre o século XVI e XXI. Está dividido em oito coleções, seguindo o critério da procedência e do período de entrada no museu: Leopoldo Gotuzzo, Faustino Trápaga, João Gomes de Mello Filho, Escola de Belas Artes, Século XX, Século XXI, L.C. Vinholes e Antônio Caringi. Parte desse acervo começou a ser formado na extinta Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA) (1949-1973), e contou com a influência do pintor pelotense Leopoldo Gotuzzo (1886-1983), patrono do museu.

Enfim, essa pesquisa trata dos mecanismos e personagens envolvidos nos usos e processos sobre esse acervo, em um período que vai desde 1949, quando Leopoldo Gotuzzo doa a primeira obra para a Escola de Belas Artes, até 2018, quando é instituída a primeira Comissão de Acervo do MALG. Busca identificar e discutir as valorações, as invisibilidades, as ausências enquanto reflexos das escolhas de um olhar museológico que nunca é neutro, é carregado de subjetividades e se dá a partir do presente.

2. METODOLOGIA

Tendo em vista o objetivo do trabalho, de se debruçar sobre os processos de musealização que envolvem o acervo do MALG, a pesquisa envolve, além do embasamento teórico, a coleta e análise de dados que refletem esses processos no museu.

Esses dados envolvem a caracterização do acervo do museu (enquadramento estilístico, artistas, origens e períodos), da aquisição das obras (como chegaram ao museu, processo de seleção, critérios de definição, etc.). O levantamento de todas as exposições realizadas no MALG (1986-2018), elencando quais coleções foram expostas, em que contexto (temáticas abordadas) e quais artistas expositores doaram obras ao museu.

O levantamento da produção gráfica de folders, catálogos e material educativo produzido pela instituição, elencando quais coleções aparecem e como são abordadas.

Por fim, também devem ser realizadas entrevistas com antigos gestores, conselheiros, servidores e colaboradores do museu.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A problemática e os objetivos estão diretamente relacionados às atividades desenvolvidas junto ao MALG desde 2014, como museóloga responsável. Os questionamentos, limitações e possibilidades colocadas pelo acervo, somadas ao movimento de mudança e adequação da instituição foram os grandes motivadores da proposição da pesquisa.

Iniciada no ano de 2020, encontra-se em fase de embasamento teórico. Como colocado mais acima, estão sendo tratadas ideias que ajudem a elucidar a forma e os processos envolvidos na seleção, no tratamento e na comunicação dos objetos de museu. Destaca-se nesse ponto, a concepção de que o processo de musealização é um “dispositivo de caráter seletivo e político, impregnado de subjetividades, vinculado a uma intencionalidade representacional e a um jogo de atribuição de valores socioculturais” (CHAGAS, 2009). Ou seja, não é um processo neutro, perpassa por escolhas, mais ou menos claras, seja na seleção dos acervos que podem privilegiar grupos em relação a outros, nos caminhos tomados quanto a pesquisa e registro desses bens como na forma como eles são disponibilizados ao público. Esse conceito e suas implicações ajudam a entender que existiram e existem forças permeando a musealização das coleções do MALG, e que elas precisam ser identificadas e discutidas.

A musealização passa também pelo entendimento do objeto de museu e coleção, voltando atenção para o colecionismo de arte (DESVALLÉS e MAIRESSE, 2014; GUARNIERI, 2010; POMIAN, 1984).

Nesse sentido, o museu é pensado como a instituição de guarda que consagra ou relega ao esquecimento, com seus mecanismos de seleção próprios entendido dentro da lógica dos quadros sociais da memória (HALBWACHS, 2003). Possuem um papel importante na formação de identidades e na consolidação de memórias supostamente compartilhadas (CANDAU, 2012). Traduzem relações que podem levar a acontecimentos, saberes ou indivíduos, ora ao apagamento e à invisibilidade, ora a torná-los referência para o grupo ou “imortais” (ABREU, 1996).

Esses conceitos se relacionam com dois aspectos que caracterizam o MALG: um museu universitário e de arte. Entende-se que o meio acadêmico e o

da arte influem de formas específicas sobre o processo de musealização. Nesse sentido, vem-se buscando a ideia de campo (BORDIEU, 1983), para se pensar os campos científico e da arte.

Nesse sentido, os museus universitários (RIBEIRO, 2013; ALBUQUERQUE e FROZZA, 2019; ALMEIDA, 2001) são entendidos sob uma perspectiva da teoria social, da gestão pública e da museologia, inserido no campo acadêmico que legitima os seus. Essa postura estaria relacionada às características da universidade medieval, como a autonomia e a universalidade, somadas à experiência científica do Século XVIII de controle da natureza e desenvolvimento técnico-científico. Essa cultura, atinge os museus universitários, que assim como os demais museus “existem também para legitimar valores e experiências da sociedade contemporânea” (RIBEIRO, 2013).

Quanto aos museus de arte (CHIARELLI, 2011; BISHOP, 2013; BELT, 2012; CRIMP, 2005; FREIRE, 2012), estão sendo utilizadas referências que dialogam, mais uma vez, com a perspectiva social, envolvendo as relações entre a arte e as formas como ela é produzida, veiculada, os interesses e as possíveis formas de dominação ou hierarquias que aparecem. Os museus de arte, influenciados por esses campos, carregados de discursos e critérios legitimadores ou excludentes, muito ligados a uma matriz eurocêntrica e ocidental, delimitando o que deve ser lembrado, pesquisado, documentado, preservado, o que é arte e o que não é. O campo da arte exige uma discussão na área da sociologia da arte, tratando do papel dos museus no sistema de arte (BULHÕES, 2014).

Por fim, são considerados os estudos relacionados à história da arte local (SILVA e LORETO, 1996; DINIZ, 1996), e que ajudam a eliciar informações sobre a origem das coleções do MALG (MAGALHÃES, 2012; SCHWONKE, 2018; LACERDA, 2015).

4. CONCLUSÕES

Como colocado anteriormente, a pesquisa está em fase de fundamentação teórica. Contudo, a própria experiência de trabalho no museu permite elencar algumas impressões, que deverão ser trabalhadas ao longo da pesquisa.

Uma delas é a necessidade imperiosa de contextualização e problematização do acervo do museu, especialmente quanto às suas ausências, preferências e intencionalidades, visando as ações futuras, as possibilidades de novos olhares sobre as coleções, e a construção de uma política de acervo alinhada com as demandas contemporâneas e sociais.

Outra impressão, manifestada no referencial teórico, são as zonas de influência à que o MALG está submetido, do meio acadêmico, por ser um museu universitário e do meio artístico, por ser um museu de arte. Acredita-se que essas características têm grande poder sobre as decisões e procedimentos que foram tomados ao longo dos anos na instituição.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. **A fabricação do Imortal:** memória, histórias e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

ALBUQUERQUE, F.C.; FROZZA, M.O. Museus de Arte Universitários: vocações, especificidades e potencialidades. In.: **Concinnitas**. Rio de Janeiro, v.20, n.36, p.289-310, 2019.

ALMEIDA, A.M. **Museus e coleções universitários: Por que museus de arte na Universidade de São Paulo?** 2001. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

ALMEIDA, C. Objetos que se oferecem ao olhar. Colecionadores e o “desejo de museu”. In.: MAGALHÃES, A.M; BEZERRA, R.Z. (Org). **Coleções e Colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012

BISHOP, C. **Radical museology or what's 'contemporary' in Museums of contemporary art?** Londres, Koemig Books, 2013.

BELTING, H. A história da arte no museu: a busca por uma fisionomia própria. In.: BELTING, H. **O fim da História da arte**. São Paulo, Cosac Naify 2012.

BORDIEU, P. O campo científico. In.: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155.

BRUNO, M.C.O. Museologia e Comunicação. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa: ULHT, n.9, 1996.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHAGAS, M.S. **A imaginação museal: Museu, Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freire e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: MINC/IBRAM, 2009.

CHIARELLI, T. A arte, a USP e o devir do MAC. In. **Estudos Avançados**. São Paulo, v.25, n.73, p. 241-252, 2011.

CRIMP, D. Isto não é um museu de arte. In.: CRIMP, D. **Sobre as ruínas do museu**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

CURY, M.X. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Org.) **Conceitos-chave de museologia**. São Paulo, Comitê Brasileiro do ICOM, ICOM, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2014.

DINIZ, C. R. B. **Nos Descaminhos do Imaginário: a tradição acadêmica nas artes plásticas de Pelotas**. Dissertação de Mestrado. IA/UFRGS. Porto Alegre, 1996.

FREIRE, C. **Arte conceitual no museu**. São Paulo, Iluminuras, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

LACERDA, C. F. **O Ateliê de Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pelotas e suas ações preservacionistas**. Dissertação de mestrado. PPG Memória Social e Patrimônio Cultural/ ICH/UFPel. Pelotas, 2015.

MAGALHÃES, C. R. **A Escola de Belas Artes de Pelotas (1949-1973): trajetória institucional e papel na História da Arte**. Tese de doutorado. PPG em Educação/UFPel. Pelotas, 2012

POMIAN, K. Colecção. **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984

RIBEIRO, E.S. Museus em universidades públicas: Entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. In.: **Museologia & Interdisciplinaridade**. Brasília, v.2, n.4, p.88-102, maio/junho 2013.

SILVA, U.R.; LORETO, M. L. S. **História da arte em Pelotas: a pintura de 1870 a 1980**. Pelotas: EDUCAT, 1996.

SCHWONKE, R. **Leopoldo Gotuzzo e a constituição do MALG (1887 - 1986)**. Tese de Doutorado. PPG em Educação/UFPel. Pelotas, 2018.